

# INTERFACES, VISIBILIDADE E DEVIR PÓS-ORGÂNICO

**MARTINS, Francisco Menezes**

Doutor em Comunicação - Universidad Complutense de Madrid/Espanha; Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

E-mail: franmenezes@puccrs.br

## RESUMO

O presente artigo pretende uma aproximação a temas que ocupam parte dos debates sobre as relações entre homem e técnica. Neste caso, a preocupação é a análise das interfaces que permitem o jogo de trocas entre sujeitos, quando imersos em ambientes do cyberspace. O olhar que percorrerá esta trilha está inspirado em Nietzsche (1992 e 1996), Foucault (1987) e Deleuze (1996), além de propor um diálogo com as interpretações feitas por Bruno (2001 e 2004) e Sibilia (2002 e 2003).

**Palavras-chave:** Tecnologia. Imaginário. Interfaces. Visibilidade. Pós-orgânico.

## 1 INTRODUÇÃO

No fundo desta questão, a mais ampla interface do homem consigo mesmo: a idéia de Deus. A conjectura divinizada, as marcas da construção deste imaginário, apagadas pelos efeitos do discurso que deixa de tratar das causas e circunstâncias, do como isto ou aquilo se tornaram o que são. Abandonando-se, enquanto possibilidade da vontade, que conseguiria rever este erro de grau e não de natureza.

O espaço transcendental foi inventado, da mesma forma que a eternidade como unidade de tempo desta face imaginária. Já foi chamado de plano, em alternância com o de imanência (Deleuze & Guattari, 1992). Haveria uma versão terrena para os fenômenos e outra, divina. A separação, de tão tentadora, se estendeu a outros modelos. Se não havia respostas no diálogo com a interface do transcendental, o próprio homem ocuparia referida posição, em nome da performance do culto à origem. Haveria um fundamento para todos os demais conceitos. Uma matriz oculta, que se revelaria ao pensamento profundo, o que não significaria dizer: genealógico, ou o que lança uma dúvida sobre o edifício do pensamento ocidental.

A história da metafísica é conhecida. Sua ampliação se deu através da mesma forma que o pensamento divino-religioso da origem. Uma causa com sentido atribuído a posteriori, mas com a aura de ter sido descoberta em quanto origem. Jogo circular de simulacro autista.

O vazio gerado pela descoberta camuflada de que a origem era uma fábula (Nietzsche, 1992), que seu discurso, igualmente, levou a esta necessidade humana de inventar-se em quanto identidade. Descobriu aí, sua maior capacidade: a de atribuir sentido e valor a todos os objetos da natureza e do mundo das idéias. Sendo objeto da análise nietzschiana de que *o homem é aquele que mede*. Da mesma forma, é possível afirmar, que ao medir o mundo e a vida como perspectiva de análise, o próprio homem acaba sendo o resultado de suas próprias medidas distribuídas em graus valorativos.

A equação axiológica penetrou em todas as instâncias da vida. As questões filosóficas, religiosas e morais respondem à mesma questão sobre os valores. Estaria, neste ponto, a tentação humana para a virtualização. As promessas feitas a si mesmo ganham interpretações diversas. Na falta do diálogo através da interface, o roteiro previu o monólogo da interface, onde o percurso é interior ao indivíduo e sua expressão ganha o tom de troca. Com quem? Com qual “eu”?

Havendo um recorte temporal para tais análises, este seria a partir do final do século XIX. Neste sentido, vê-se em proximidade, os estudos de Sibilia (2002 e 2003). Neles, se percebe uma preocupação, também, em analisar uma possível aliança imaginária entre valores e tecnologia. Aqui, leva-se em conta as apropriações de Nietzsche (1992) sobre as visibilidades fabulares dos discursos em nome do transcendental. Em ambos, a crise da interioridade/exterioridade (Sibilia, 2003) e a passagem destes valores para um rebaixamento e para a fragmentação da noção de indivisibilidade proporcionada pelo centramento do conhecimento em torno ao cérebro humano, permeável, incompleto e em constante devir.

Certamente, a idéia de ser incompleto entrava em contradição com a projeção ao transcendente de um tipo de homem profundo e de origem divina. Uma imagem e semelhança do criador. Início da fábula. O primeiro capítulo. A gênese do maior equívoco intencionalmente dissimulado, e transfigurado para a maior verdade. Esta interface mitologizada proporcionou ao homem a emissão de um modelo de criador, em sintonia com suas intenções de se desmarcar da natureza. Em desvantagem, em relação a outras espécies, como aponta Spengler (1958) rumou com sua técnica para ambientes mais acolhedores e menos hostis a sua existência.

Mais, a capacidade de inventar um passado e uma origem, foi transportada também para as cenas ainda não vividas. Se houve uma metavida anterior, porque não considerá-la posteriormente. Porém, este sonho humano encontrava uma intransponível barreira: o corpo. Nas interfaces pretendidas, a alma podia passar pela superfície *trans*, mas o corpo permanecia.

Somente sentia as dores e prazeres da embriaguez imaginal de outros mundos e épocas. Fusão de planos compartilhada no mesmo modelo de processamento. A divisão permanecia em alta: corpo/alma, natureza/artificialidade, interior/exterior, imanência/transcendência. Porém, com a tentadora fórmula de se circular através de tais interfaces, o humano logo percebeu que sua vontade era fruto da possibilidade, da permissão concedida, e não do querer e do desejar. “Não estranha, portanto que tenha sido a vida o alvo predileto das lutas políticas dos últimos séculos, afinando o foco até atingir o nível molecular, pois as suas representações mudam mas ela continua a

encarnar a plenitude do possível: o que se é e o que se pode ser”. (Sibilia, 2002. p. 212).

Estas análises apontam para a entrada decisiva do corpo nas recentes interfaces da tecnologia. Convite irrecusável para se viver a condição de “*toxicômanos por identidades*”(Rolnik in Sibilia, 2002). O circular dos imaginários ancorado em perfis visíveis e exteriorizados como expressão projetiva da alma, enquanto banco de dados para projeção enquanto identidade.

Da percepção atribuída à natureza das origens, que revelava um tipo de homem essencialmente profundo, cujas águas turvas e escuras permitiram a criação de instrumentais específicos para ascultar a interioridade e vê-la visível, transparente e iluminada pelos olhares dos demais sujeitos: *homo psychologicus*, *homo lúdens* e do atualizado e atualizável homem-informação, informante e informado. O sujeito/objeto da pós-inversão do panoptismo (Foucault, 1987).

Das impossibilidades de transcendência, a tecnológica transforma o não passar de plano, como uma performance operacional de geração de sentidos. A transcendência se daria sem a noção tradicional altaneira da passagem de um plano à outro. A invenção do diálogo se mantém. A face ‘trans’ é substituída pela ‘pós’. A repercussão se dá, justamente, na relação entre as faces. Não havendo o corte transversal, o que existe é uma sucessão de faces separadas por uma membrana *cyberosmótica*, onde a visibilidade é proporcionada pelas máquinas de ver (Bruno, 2004). Seria a socialidade como valor supremo ou a tecnologia como possibilidade da vontade os responsáveis por tal mudança de prefixo na própria metafísica. Seria uma tecnometafísica (Felinto, 2004) ou haveria uma tecnociência pós-orgânica, levando-se em conta o trabalho de Sibilia (2002).

De outra parte, de acordo com a idéia de uma radicalização nos conceitos de interface (Bruno & Menezes-Martins, 2004), o jogo de ver e ser visto permanece, mas como condição alterada pela tecnologia. Assim, a relação é dupla e simultânea: Os olhos como filtros de percepção e como código de barras dos scanners da cibercultura.

A realidade do corpo biológico é alterada pelas demandas sociais. Nos valores da circulação de olhares e visões, a passagem é vedada ao organismo materializado naturalmente. O passaporte é distribuído aos olhos; Note-se que as obras de ficção científica dão especial atenção ao órgão da visão humana. Em *Blade Runner*, o criador dos andróides é assassinado por um deles, tendo seus olhos perfurados pela mão. Em Spengler (1958), lê-se a fundamental participação da mão como primeira técnica humana. Mãos artificiais de andróide contra a natureza dos olhos humanos. Em *Minority Report*, os olhos humanos como informação e identidade intransferível, códigos de

barra para o controle tecnoestatal. Em *Matrix 3*, a perda da visão dos olhos substituída por uma visão interior, mais potente e mais pós-orgânica que nunca.

## 2 POR QUE ESQUECER FOUCAULT ?

A aproximação sobre as relações do corpo orgânico e pós-orgânico com a tecnologia, deve contas a certos olhares estendidos por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987). Em que medida houve uma superação das condições das sociedades disciplinares, se a lembrança do corpo sob as generalizações panópticas atestam a passagem de um controle das exceções para um controle das regras. Não mais regras para os que as excederam, mas a ilusão da exceção como regra geral. Chegaria um humanismo do tipo útil, programável, previsível e, principalmente, capaz de viver a disciplina como Síndrome de Estocolmo:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica de poder’, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez a eficácia que se determina (Foucault, 1987, p.119).

As propriedades da disciplina inauguram distintos laços entre formas de poder e possibilidades de ser. Certos deslocamentos de potencialidades humanas domesticados e treinados: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças em termos políticos de obediência). (Idem, p. 119)

A separação, talvez não desejada, mas inevitável, promove o direcionamento dos fluxos e energia humana a campos de eficientes administrações de rebanhos. Da antiga trilha disciplinar: o isolamento, a contagem, o controle.

Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele, por um lado, uma ‘aptidão’ uma ‘ capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (...) Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (Foucault, 1987, p. 119).

Leva-se em conta que a sociedade disciplinar teria se tornado objeto de superação pelo modelo deleuziano da sociedade de controle. Sibilia (2002) remete aos relógios como exemplo de tal passagem, relacionando a máquina analógica à digital.

Como em Nietzsche, a medida é fundamental para qualquer percepção. “Mais uma vez o relógio serve como emblema e como sintoma, expressando em seu corpo maquínico a intensificação e a sofisticação da lógica disciplinar na sociedade de controle” (Sibilia, 2003, p. 30).

Haveria, portanto uma interface entre lógica e sociedade, na qual a disciplina seria, ainda, responsável pela metamorfose para a docilidade corpórea, onde a informação como extremidade visível e/ou enunciável (Deleuze, 1996) estaria atualizando a produção dos corpos quando imersos na ambiência das sofisticadas disciplinas de controle. Vê-se como capacidade de domesticação dos instintos, todo este arsenal de tecnologias. Desta forma:

se os efeitos atualizam, é porque as relações de força ou de poder são apenas virtuais, potenciais, instáveis, evanescentes, moleculares, e definem apenas possibilidades, probabilidades de interação, enquanto não entram num conjunto macroscópico capaz de dar forma à sua matéria fluente e à sua função difusa (Deleuze, 1996, p. 46-47).

Tais considerações abrem espaço para análises de uma sociedade que vive alucinantes movimentos de atualização/virtualização a partir de rotas seguidas por consumidores/informados e informantes de consumo/informação. Seria esta a relação de um declínio da potência criativa com o devir tornado pós-orgânico. Destaca-se que não houve e nem há qualquer transvaloração[3], apenas uma migração entre graus de imanência do tipo homem/mundo (Bruno & Menezes-Martins, 2004). Os valores estão em uma escala de máxima visibilidade publicitária. A ortopedia para o consumo e para o par informar-se e, ao mesmo tempo, ser a própria informação, permanece vinculada a uma sofisticação abstrata das formas de vigilância e de punição. Como se considera que houve uma inversão das generalizações do panoptismo, sendo a contemplação e a recompensa, valores substitutos de tal relação. O corpo é código de barras e cartão de crédito e, simultaneamente, é modelado por uma hiper-realização intensiva de “*up grades constantes*” (Sibilia, 2002).

Entra-se com a noção de interfaces e visibilidade, a partir de uma idéia de Fernanda Bruno:

Se vivemos uma inversão do olhar panóptico, se a subjetividade encontra sua face visível (esteja ela no comportamento, no corpo ou na tela o seu lugar privilegiado de investimento, se o valor encontra na extremidade do que se mostra, do que se faz notável e visível o seu lugar de efetuação (me refiro ao fato midiático, à lógica da celebridade, à espetacularização do sofrimento, à exposição da intimidade, etc), a interface é ainda uma vez uma noção decisiva, pois são nos meios de contato com o

‘olhar’ do outro que se decidem as táticas e os efeitos da vigilância, da construção da identidade e da intimidade, da produção dos acontecimentos, etc) (Bruno & Menezes-Martins, 2004).

Seja qual for a instância, a interface estará presente em qualquer grau de relações entre corpos orgânicos e/ou pós orgânicos e o biopoder. “Quem vê pouco, vê sempre menos, quem ouve mal, ouve sempre algo mais “ (Nietzsche, 1996, § 544)

Pois, na relação do visível com o enunciável, ou do que se poderia trazer para as máquinas de ver e ser visto (Bruno 2004), o pensamento nietzschiano foi decisivo para as formulações posteriores. Sobre a máquina abstrata e seus agenciamentos concretos: “ se o saber consiste em entrelaçar o visível e o enunciável, o poder é sua causa pressuposta, mas inversamente, o poder implica o saber como a bifurcação, a diferenciação sem a qual ele não passaria a ato.” (Deleuze, 1996, p.48)

Por fim, em uma época na qual a tecnologia é centro e periferia, nos quais o confinamento é um ato superado por táticas de controle à distância, sendo o modelo da “coleira eletrônica” (Deleuze & Guattari) estendido para generalizadas finalidades: das mercadorias circulantes, das informações visíveis e dos enunciados articuláveis. Vê-se proliferar metamorfoses involuntárias que adotam o tipo de organização empresarial estimulada pela publicidade pretensiosamente situada como dobra das artes e da própria vida. Sendo a idéia de visibilidade uma interface de um mundo que não possui exterior (Deleuze, 1996), mas, ao mesmo tempo, um regime de luz que mostra o sujeito sem interior.

Restariam os movimentos infinitos de retorno do e ao virtual como marcas visíveis de uma sociedade que só respira liberdade enquanto ideal, ainda que, tardiamente, platônico, que já teve ênfase de organização operacional na soberania, na disciplina e no controle. Considera-se que a informação visível e enunciável seja a visibilidade de faces separadas por tais movimentos produzidos por corpos digitalizados e informantes de si e do olhar que possuem.

A informação em estado de generalização ciberpanóptica não seria um sujeito/objeto que ainda leva consigo *profundas* marcas feitas, segundo Nietzsche, *a ferro e fogo*, pelas heranças de disciplina e controle? Ainda há o corpo. Ainda há vida. Ainda que sob uma forma operacional de biopoder e comunicação, capaz de produzir corpos/informação (informantes e informados) para um devir pós-orgânico.

*“O filósofo apanhado nas teias da linguagem”* (Nietzsche)

## REFERÊNCIAS

Bruno, F. Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo in Fraga, D. &

Fragoso, S. *Comunicação na Ciberultura*. São Leopoldo. Ed. Unisinos. 2001

Bruno, F. “Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação” in Revista Famecos n. 24 / PUCRS. Porto Alegre. Edipucrs. Julho de 2004.

Bruno, F. & Menezes-Martins, F. “Diálogos sobre interfaces e visibilidade” in Sessões do Imaginário - cinema, cultura e tecnologias da imagem n. 11. / PUCRS. Porto Alegre. Edipucrs. Julho de 2004.

Deleuze, G. *Foucault*. São Paulo. Editora Braziliense. 1996.

Deleuze, G & Guattari, F. *O que é a filosofia*. São Paulo. Editora 34, 1992.

Felinto, E. “A religião das máquinas: pressupostos metodológicos para uma investigação do imaginário na ciberultura “ in *Mídia.Br*. Lemos, A; et al. Porto Alegre. Editora Sulina. 2004

Foucault, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis. Editora Vozes. 1987.

Menezes-Martins, F. Nietzsche, Valores humanos e devir da técnica in Menezes-Martins, F e Machado da Silva, J. (orgs.) *A Genealogia do Virtual*. Porto Alegre. Editora Sulina. 2004.

Menezes-Martins, F. A Rebelião do Virtual in *File 404 Not Found*. Edição 40. Maio de 2004. Disponível em [www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtFOund/index.html](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtFOund/index.html).

Nietzsche, F. *El ocaso de los ídolos*. Madrid. M.E. Editores. 1992.

Nietzsche, F. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo. Cia. das Letras. 1996.

Sibilia, P. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2002.

Sibilia, P. *Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica* in CD-ROM da XII Compós. 2003.

Spengler, O. *O homem e a técnica*. Porto Alegre. Editora Globo. 1958.

[1] Trabalho apresentado ao NP 08 Comunicação e Tecnologias da Informação

[2] Doutor em Comunicação - Universidad Complutense de Madrid/Espanha. Coordenador adjunto do PPGCOM-PUCRS. Coordenador e Pesquisador do Grupo de Tecnologias do Imaginário - GTI/ Famecos - PUCRS. Editor da Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia. Diretor/Editor da revista Sessões do Imaginário - cinema, ciberultura e tecnologias da imagem/PUCRS . franmenezes@pucrs.br

[3] Destaca-se que esta proposição foi feita por Paula Sibilia em conversa via e-mail com o autor, a partir de um diálogo sobre seu livro *O Homem Pós-Orgânico - corpo, subjetividade e tecnologias digitais*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

Copyright (c) 2004 Autor(es) / Copyright (c) 2004 The author(s)  
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal.  
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

